



XII JORNADA DE ESTUDO

GRUPO DE INVESTIGAÇÃO DE ESTUDOS DE CORTE E DIPLOMACIA

MORTE E EXÉQUIAS DA FAMÍLIA REAL

(SÉCULOS XV-XIX)

LIVRO DE RESUMOS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

6 DE FEVEREIRO DE 2019

Imagem de capa:

O ofício dos mortos - Livros de Horas de D. Manuel, fólio 129v

MANUELA SANTOS SILVA

FLUL/CH-ULisboa

AS EXÉQUIAS DA RAINHA FILIPA DE LENCASTRE:

DA INUMAÇÃO NOCTURNA AO TÚMULO DA CAPELA DO FUNDADOR

A agonia e a morte da rainha Filipa de Lencastre foram minuciosamente narradas na chamada Crónica da Tomada de Ceuta de Gome Eanes de Zurara, pela coincidência num tempo próximo destes dois acontecimentos. Conhecemos as causas, o período de padecimento, os prenúncios da morte e o próprio momento com detalhe, bem como as reações a tão nefasta perda nas vésperas da partida para a grande campanha conquistadora que cobriria de glória a sua família. Mais tarde, o seu corpo foi trasladado para o Mosteiro da Batalha, mandado erigir pelo marido em memória da Batalha em que vencera o rival Juan I em 1385, e onde havia de querer que tivesse lugar o Panteão da família. No entanto, ainda antes da sua transferência definitiva para o duplo túmulo que partilharia com o marido para a posteridade, o corpo da rainha ainda havia de conhecer outra localização efémera como o descobriram Saúl António Gomes e António Rebelo.

Serão todos estes episódios que iremos analisar nesta comunicação procurando sobretudo procurar mentalidades e costumes sobre a morte e, em especial, a das rainhas consortes.

Manuela Santos Silva é docente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigadora do Centro de História da mesma universidade e colaboradora do Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova de Lisboa. Co-editora da coleção “Rainhas de Portugal” do Círculo de Leitores (2011-2014) e autora de Filipa de Lencastre. A Rainha Inglesa de Portugal, Lisboa: Círculo de Leitores, 2012 / Temas e Debates, 2013.

ANA ISABEL BUESCU

FCSH-UNL/CHAM

A MORTE RÉGIA. REFLEXÕES EM TORNO DAS TRASLADAÇÕES DE

D. JOÃO II (1499) E DE D. MANUEL (1551)

A morte do rei é um dos "lugares" de manifestação do poder da realeza, e nesse sentido tornou-se um objecto historiográfico fundamental. Se até sensivelmente ao século XIII, de acordo com José Mattoso, a morte régia é ainda com frequência representada como sinal de perturbação e uma violação da ordem natural, a progressiva complexidade dos mecanismos de construção e de legitimação do poder confere-lhe um lugar central no conjunto das cerimónias da monarquia. Os funerais, mas também as trasladações dos "Reaes corpos", são actos públicos sujeitos a uma ritualização minuciosa, e constituem para a realeza formas de assegurar e representar, através de um conjunto mais ou menos complexo de dispositivos simbólicos e rituais, a continuidade do poder. Nesta comunicação evocaremos os lugares de enterramento régio, numa opção que envolve sempre um significado de natureza política, ideológica, devocional ou simbólica, e os momentos cerimoniais das trasladações dos corpos de D. João II, em 1499 e de D. Manuel, em 1551.

Ana Isabel Buescu é doutora em História pela FCSH/UNL, com especialidade em História Cultural e das Mentalidades Moderna. Lecciona na mesma Faculdade e é Investigadora Integrada do CHAM- Centro de Humanidades/UNL. Principais domínios científicos: História de Portugal Moderno, educação de príncipes, cultura de corte, livrarias régias e aristocráticas, cerimónias régias e história biográfica.

Livros

- 2019 – *D. Beatriz de Portugal. A infanta esquecida (1504-1538)*, Lisboa, Manuscrito
- 2016 - *A livraria renascentista de D. Teodósio I, duque de Bragança*, Lisboa, BNP
- 2010 - *Na Corte dos Reis de Portugal. Saberes, Ritos e Memórias. Estudos sobre o século XVI*, Lisboa, Colibri (2ª edição 2011)
- 2007 - *Catarina de Áustria (1507-1578) Infanta de Tordesilhas, Rainha de Portugal*, Lisboa, A Esfera dos Livros
- 2005 - *D. João III (1502-1557)*, Lisboa, Círculo de Leitores, (2ª ed. 2008)
- 2000 - *Memória e Poder. Ensaios de História Cultural (séculos XV-XVIII)*, Lisboa, Cosmos
- 1996 - *Imagens do Príncipe. Discurso Normativo e Representação (1525-1549)*, Lisboa, Cosmos
- 1987 - *O Milagre de Ourique e a História de Portugal de Alexandre Herculano. Uma Polémica Oitocentista*, Lisboa, INIC

Coordenou, em colaboração:

- 2011 - *A Mesa dos Reis de Portugal. Ofícios, Consumos, Práticas e Representações (séculos XIII-XVIII)*, coord. A. I. Buescu e D. Felismino, Apresentação de M. H. Coelho, Lisboa, Círculo de Leitores
- 2007 - *História e Ciência da Catástrofe. 250º Aniversário do Terramoto de 1755*, ed. F. Rollo, A. I. Buescu e P. Cardim, Lisboa, Colibri
- 2006 - *O Corpo e o Gesto na Civilização Medieval, Actas de Colóquio* (FCSH, 2003), ed. A. I. Buescu, J. S. e M.A. Miranda, Lisboa, Colibri e IEM.

ADRIANA FILIPA CATARINO

Mestranda FLUL

A MORTE DA RAINHA RESTAURADORA:

DOENÇA, EXÉQUIAS E CERIMÓNIAS DE TRASLADAÇÃO DE D. LUÍSA DE GUSMÃO

A presente comunicação tem como objetivo analisar elementos centrais em torno da morte da primeira rainha da Dinastia Brigantina. Consideraremos vários momentos começando com a doença da soberana e o seu passamento, seguindo-se as cerimónias solenes de exéquias. Por último, associando momentos e lugares, atentaremos nas trasladações do corpo de D. Luísa de Gusmão desde a Igreja do Santíssimo Sacramento até à sua última morada no Mosteiro de São Vicente de Fora.

Adriana Filipa Catarino é licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 2018. Encontra-se a frequentar, na mesma instituição, o mestrado em História, na especialidade de História Moderna e Contemporânea, preparando a dissertação sobre os confesores na corte portuguesa entre 1521 e 1578.

MARIA PAULA MARÇAL LOURENÇO

FLUL e CH-ULISBOA

ENTRE A MORTE E A GLÓRIA: MORTE E EXÉQUIAS DE D. MARIA ANA DE ÁUSTRIA

A vivência da doença e da morte de D. Maria Ana de Áustria começava na câmaras e antecâmaras do Paço, espalhava-se pela urbe lisboeta e divulgava-se, sobremaneira, após o seu falecimento, pelo reino. A morte conduzia à inevitável separação do féretro da sua

casa, da sua família até ao acto final de enterramento. Ora, nesta fase transitória, verdadeiro “parêntesis existencial”, as exéquias fúnebres dos elementos da Família Real reanimavam em catarse colectiva e exaltação litúrgica, sentimentos de pertença a uma comunidade, a uma dinastia e a um reino.

Na circunstância da morte de D. Maria Ana de Áustria, importa dar a conhecer, numa dupla perspectiva, os actos e ritos desta passagem existencial. Num primeiro momento será analisado o papel assumido pelos servidores da sua Casa, estudando, em segundo plano, as diversas manifestações ltuosas da consorte régia na capital, no reino e pela Europa. Em suma, pretendemos, registar, tão-só, algumas considerações a propósito do processo doloroso, participado por “todos” e profundamente ritualizado, que conduzia a rainha da Morte à Glória e da Glória à eternização régia na memória colectiva.

Maria Paula Lourenço é Professora do Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa desde 1990, onde defendeu a sua tese de doutoramento em 2000. É membro do Centro de História e Académica de número da Academia Portuguesa da História. Para além da participação em vários projectos de investigação nacionais e estrangeiros e de diversas participações em Congressos e encontros científicos, recebeu, em 2005, o Prémio Calouste Gulbenkian de História Moderna e Contemporânea atribuído à tese de doutoramento, *A Casa das Rainhas de Portugal (1640-1754)*. A sua investigação centra-se, primacialmente, no estudo das casas senhoriais, com especial relevo para as Casas da Família Real, privilegiando, mais recentemente, por um lado, as biografias de Reis e Rainhas de Portugal e, por outro, a importância da Corte portuguesa na Época Moderna.

ISABEL DRUMOND BRAGA

FLUL, CIDEHUS-UÉ e CH-ULisboa

PARENÉTICA FÚNEBRE POR D. MARIA I:

UMA OPORTUNIDADE DE TEORIZAR O PODER

No final do Antigo Regime tinha passado o período áureo da parenética. Outras formas de comunicar se iam impondo cada vez de forma mais apelativa. Contudo, os sermões relativos à família real continuavam a evidenciar as características de sempre: peças laudatórias que continham elementos quer biográficos quer ao nível da representação e evidenciavam tópicos de teoria política. Partindo das orações fúnebres impressas em Lisboa e no Rio de Janeiro por ocasião da morte de D. Maria I procuraremos analisar e interpretar estas fontes à luz das actuais metodologias de investigação de modo a apurar os principais contributos para a construção da imagem da soberana.

Isabel Drumond Braga é Professora auxiliar com agregação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, na área de História, onde leciona desde 1990. Foi professora visitante na Universidade Federal Fluminense (Brasil) em 2009, na Università di Catania (Itália), em 2011, na Universidade Federal da Uberlândia (Brasil), em 2013, e na Universidade Estadual de Londrina (Brasil), em 2015. É professora do programa Erasmus Plus, na Università degli Studi della Tuscia (Viterbo-Itália), desde 2007 e da Università degli Studi Internazionali di Roma (UNINT- FIT), desde 2016. Tem desenvolvido investigação e lecionado nas áreas de História Social, História Religiosa, História de Género, História Cultural e História das Práticas do Quotidiano, em especial História da Alimentação, das épocas Moderna e Contemporânea. Membro de diversos projetos de investigação em Portugal, Espanha e Brasil. Orientadora de projetos de pós-doutoramento, doutoramento e mestrado, nas áreas História da Inquisição, da História das Práticas Culturais e da História da Alimentação.

PEDRO URBANO

IHC-FCSH-NOVA, CEC-FLUL

A MORTE DO REI.

RITUAIS FÚNEBRES NA MONARQUIA CONSTITUCIONAL

Ao longo dos séculos, as monarquias procuram transmitir aos seus súbditos, bem como aos outros reinos, uma imagem de esplendor e ostentação, como símbolo do seu poder, através de vários elementos, entre os quais as cerimónias e rituais. Para além das cerimónias calendarizadas, permanentes, que se repetiam anualmente ao longo do tempo, havia também as cerimónias extraordinárias, compostas pelas festividades por ocasião dos principais acontecimentos da vida do monarca: nascimento / baptizado, casamento, aclamação e morte, que, que garantiam à monarquia a sua permanência e continuidade.

A Monarquia Constitucional irá trazer algumas alterações aos rituais de luto relacionados com os monarcas portugueses. Legisla os períodos de luto pela morte de diferentes monarcas, apresenta algumas alterações nas cerimónias fúnebres régias, termina com o ancestral ritual de quebra dos escudos e assinala anualmente a data da morte do fundador da monarquia constitucional, D. Pedro IV. Entre continuidades e rupturas, como foi assinalada e ritualizada a morte dos monarcas portugueses durante a monarquia constitucional?

Pedro Urbano é doutorado em Ciências Históricas pela UNL com a tese financiada pela FCT intitulada “*Nos bastidores da Corte*”: *O Rei e a Casa Real na crise da Monarquia – 1889-1908*, trabalho que venceu a 23ª edição do Prémio Victor Sá de História Contemporânea da Universidade do Minho.

Participou, como bolsheiro, em vários projectos de investigação da Universidade Nova de Lisboa, Universidade de Évora e ISCTE, destacando-se o *Portuguese Women Writers*, financiado pela FCT. Participou em diversos encontros da *COST Action IS0901 Women Writers in History* e da *COST Action IS1310 Reassembling the Republic of Letters, 1500-1800*. Foi membro da acção integrada Luso-alemã Redes culturais femininas entre Portugal e a Alemanha, financiada pela FCT e participante no projecto *Site das Escritoras*, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

As suas áreas de investigação têm sido as elites portuguesas durante a Monarquia Constitucional, tendo-se interessado mais recentemente pelo estudo da produção textual feminina ao longo de todo o século XIX. Apresenta regularmente o resultado das suas investigações em colóquios, quer em Portugal, quer no estrangeiro, tendo publicado vários artigos.

Presentemente, é professor de História de Portugal na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich.

ORGANIZAÇÃO:

MARIA PAULA LOURENÇO (FLUL/CH-ULISBOA)

Este seminário é apoiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do projecto UID/HIS/04311/2019

This seminar is funded by national funds through FCT – Foundation for Science and Technology under the project UID/HIS/04311/2019